

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO FESTIVAL MONSTRA
26 de fevereiro de 2026

SPARNI UN AIRI/WINGS AND OARS / 2009

Um filme de Vladimir Leschiov

Realização, Argumento, Animação, Montagem, Produção: Vladimir Leschiov / Música e Design de Som: Pierre Yves Drapeau, Normand Roger, em colaboração com Denis Chartrand / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 6 minutos / Estreia Mundial: 9 de fevereiro de 2009, Letónia / Primeira passagem na Cinemateca.

ORGIASTIC HYPER-PLASTIC / 2020

Um filme de Paul Bush

Realização, Argumento, Animação: Paul Bush / Produção: Lana Tankosa Nikolic, Paul Bush / Música: Andy Cowton / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 7 minutos / Estreia Mundial: 24 de agosto de 2020, Odense International Film Festival / Primeira passagem na Cinemateca.

BREAD WILL WALK / 2025

Um filme de Alex Boya

Realização, Argumento, Animação, Montagem: Alex Boya / Produção: Jelena Popovic / Som: Olivier Calvert / Música: Martin Floyd Cesar / Voz: Jay Baruchel/ Cópia: DCP, a cores, falado em inglês com legendas em português / Duração: 11 minutos / Estreia Mundial: Maio de 2025, Quinzena dos Realizadores, Festival de Cannes / Primeira passagem na Cinemateca.

TELEPHONE GAME / 2025

Um filme de Laura Boráros

Realização, Animação: Laura Boráros / Som: Jacob Strasser / Produção: FAMU / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 1 minuto / Primeira passagem na Cinemateca.

JUDY1964 / 2025

Um filme de Marie-Hélène Van Thuyne

Realização, Argumento, Animação, Fotografia, Montagem: Marie-Hélène Van Thuyne / Produção: Emma Daelman / Design de Som: Theo Meewis / Cópia: DCP, a cores, falado em inglês com legendas em português / Duração: 5 minutos / Estreia Mundial: 2 de março de 2025, Anima – The Brussels International Animation Film Festival / Primeira passagem na Cinemateca.

UNA VITA IN SCATOLA/LIFE IN A TIN / 1959

Um filme de Bruno Bozzetto

Realização, Animação: Bruno Bozzetto / Música: Franco Godi / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 6 minutos / Estreia Mundial: Junho de 1967, Festival Internacional de Annecy, França / Primeira passagem na Cinemateca

LA BOLSITA DE AGUA CALIENTE / 2023

Um filme de Yuliana Brutti

Realização, Argumento, Animação, Direção Artística: Yuliana Brutti / Direção de Fotografia: Produção: Federico Verdier / Design de Som: José Matiak / Música: Nacho Rozental, José Matiak / Guarda-roupa: Carolina Vignolo /

Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 8 minutos / Estreia Mundial: 19 de abril de 2024, BAFICI, Argentina / Primeira passagem na Cinemateca.

RADIX / 2025

Um filme de Anne Breymann

Realização, Produção, Argumento: Anne Breymann / Direção de Fotografia: Björn Ullrich / Som: Michał Krajczok / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 4 minutos / Estreia Mundial: 25 de maio de 2025, Kraków Film Festival, Polónia / Primeira passagem na Cinemateca.

NAGOFTEH NAMANAD/BY THE WAY / 2025

Um filme de Mahboobeh Kalae, Ali Fotoohi

Realização, Produção: Mahboobeh Kalae, Ali Fotoohi / Cópia: DCP, a cores, falado em farsi com legendas em inglês / Duração: 6 minutos / Estreia Mundial: 10 de junho de 2025, Festival Internacional de Annecy, França / Primeira passagem na Cinemateca.

KOSMOGONIA / 2025

Um filme de Karolina Chabier

Realização, Argumento: Karolina Chabier / Produção: Susana Miguel António, Philippe Aussel, Christophe Beaujean, Bruno Caetano, Jérémie Mazurek, Kasia Panas, Marcin Podolec, Grzegorz Waclawek / Produção Executiva: Marc Faye / Música: Natalia Czekala, Krzysztof Guzewicz / Design de Produção: Karolina Chabier, Ala Nunu / Design de Som: Zuzanna Kofta / Cópia: DCP, a cores, sem diálogos / Duração: 15 minutos / Estreia Mundial: 20 de maio de 2025, Prix Unifrance, França / Primeira passagem na Cinemateca.

PAULINHA / 2024

Um filme de Ana Marta Mendes

Realização: Ana Marta Mendes / Animação: Ana Marta Mendes, Jorge Ribeiro, Laura Conde / Compositing: Ricardo Adrêgo / Cor: Ricardo Adrêgo / Produção: Jorge Ribeiro / Música: Raul Manarte / Produção: Os Filmes do Pinguim / Produção (Música): Raul Manarte, Rodolfo Cardoso / Cópia: DCP, a cores, falado em português / Duração: 3 minutos / Primeira passagem na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 73 minutos

Sessão com apresentação.

Antes de mais, a orientação desta sessão é temática e, necessariamente, política: “pretende chamar a atenção para duas das principais preocupações que norteiam o festival e que são este ano o tema central: a Natureza e a Sustentabilidade. Afinal, qual o sentido da vida sem este equilíbrio?”, esclareceu, em entrevista, o codirector do festival Mostra, Fernando Galrito. Com efeito, a maior parte das obras – mesmo aquelas que não lidam diretamente com o tema da eco sustentabilidade – participa de um movimento geral, cósmico ou propriamente cosmogónico, que põe em causa os alicerces da sociedade e se implica nos mistérios da criação. Comparamos *contra* intuitivamente um filme como **Kosmogonia** com **Telephone Game** e ficamos com a sensação de que os movimentos (geradores) da vida concorrem com os movimentos de (geração) da sociedade e da sua destruição; que o caminho da criação, uma vez iniciado, fica invariavelmente votado à destruição ou à sabotagem. A origem de tudo, por muito bem intencionados que sejam os desígnios do “Criador”, pode radicar num gesto de partilha, de permuta, que, na cadeia sucessiva e sucessória da nossa história evolutiva, como habitantes desta “nave espacial Terra”, nos encaminha para

um fim trágico qualquer. É assim que podemos “casar” a narrativa do filme mais longo com a do filme mais curto desta sessão: **Kosmogonia** é uma produção multinacional extraordinariamente ambiciosa, devedora de uma certa estética Ghibli, sobre a força devoradora da natureza, ao passo que **Telephone Game** é um aparentemente modesto exercício de escola sobre o célebre jogo do “telefone estragado” alegorizado num simples ato de fazer chegar uma mensagem a alguém através de uma longa fila de intermediários – um ato de comunicação que termina com o decepamento do emissor da dita mensagem.

Radix tem o fôlego e a beleza plástica de **Kosmogonia**, mas, mais importante do que isso, é também um filme sobre “a origem das origens” do cosmos, um misterioso e inquietante exercício sobre “o princípio de tudo”. A vista continua larga e ambiciosa num filme como **Bread Will Walk**, filme de animação de formas vivas e pulsantes, a fazer lembrar o nipónico Kôji Yamamura (**Kafuka: Inaka isha** [2007]), ao tirar partido de uma técnica específica de animação, a “genomic animation”, caucionada pelo seu realizador, Alex Boya. Nascido na Bulgária e radicado no Canadá, Boya trabalha com formas biológicas distorcidas, postas ao serviço de narrativas febris e oníricas. No caso, este filme confere à sessão um tom apocalíptico, já que a história nos atira para o coração de uma pandemia de “pães *zombie*”: uma humanidade faminta, num tempo em que os recursos da Terra foram extenuados, é alvo de uma experiência – que corre muitíssimo mal – envolvendo a ingestão de um pão sintético. As consequências serão devastadoras, uma vez que o dito produto, após ter sido consumido, transforma quem o come num pão antropomórfico. O caos grassa nas ruas, à medida que nelas se lança uma grandiosa e terrífica “luta de todos contra todos”, onde toda a gente quer comer toda a gente.

Andamos para trás e para a frente, para chegarmos ao início de tudo, à génese desta sessão. E, de facto, ela arranca com o sobrevoo de toda uma vida, levado em asas pelo filme letão **Sparni un Airi**: “uma obra de Vladimir Leschiov (...) que presta homenagem ao país convidado da MONSTRA 2026 – a Letónia –, sendo também uma memória de vida de um antigo piloto.” O “filme do meio” pertence, claro, a um mestre da animação minimal, o italiano Bruno Bozzetto. **Una vita in scatola** encapsula toda uma vida – que é “todas as vidas” ao mesmo tempo – remetida para caixas após caixas: da maternidade até ao caixão, passando pelo lufa-lufa escravo de uma idade adulta em que não há espaço para respirar, porque, digamos, “trabalhar é preciso, viver não é preciso”. A obra-prima de Bozzetto, talvez a mais co(s)micamente aterradora da sessão, “é um resumo da sua retrospectiva mais alargada – que inclui tanto curtas como longas-metragens” (Galrito).

Orgiastic Hyper-Plastic ocupa um lugar especial neste lote de títulos, já que o realizador Paul Bush, desaparecido no ano passado, realiza um filme “exclusivamente com plásticos recolhidos em vários oceanos, incluindo alguns na costa portuguesa onde tivemos o prazer de colaborar”, explicou-me Fernando Galrito. É um misto de elegia e de celebração do plástico: matéria de que eram feitos os brinquedos da infância, mas também substância poluente que ameaça a saúde do planeta. Trata-se de uma animação também de imagem real e de natureza artesanal, como era apanágio do realizador, misturando nostalgia com essa mensagem ecológica tão urgente.

Os filmes de animação também sabem perturbar e apelar aos sentimentos. Por um lado, temos o retrato de época, no filme de marionetas **Judy1964**, talvez a obra mais virtuosa do lote, que, num longo plano-sequência dá conta de um ciclo de horror potenciado por uma propaganda que se perpetua no pequeno ecrã e aos olhos de uma criança – a da violência. Por outro lado, temos uma animação de imagem real vinda do Irão, **Nagofteh namanad**, com a distinta marca do “cinema do real” que nos habituámos a associar aos grandes mestres iranianos, de Abbas Kiarostami a Jafar Panahi. A história que se conta, a de um homem cada vez mais consumido e fascinado pela eletricidade – bem precioso que só a Revolução Islâmica veio “normalizar” –, podia ser narrada por um qualquer destes cineastas. Mas é aqui ilustrada nas paredes de uma divisão real, onde este cinema de animação ganha forma ao jeito das velhinhas sombras chinesas.

Igualmente sentimental é o videoclipe de Ana Marta Mendes, com música de Raul Manarte, filme que “[antecipa] a mostra de videoclipes da MONSTRA 2026, (...) inteiramente dedicada a autores nacionais” (Galrito) e que, por via da letra cantada, nos narra a história de um rapaz em delírio com um futuro romance envolvendo a vizinha, a **Paulinha** que dá título a esta curta “flutuante” nas suas formas, um pouco à imagem de algumas das obras-primas da animação portuguesa recente com a marca, por exemplo, de

Alexandra Ramires e Laura Gonçalves. **La bolsita de agua caliente** é uma animação argentina em *stop motion* sobre como a relação entre uma avó e uma neta dá sentido à vida desta última, e como na hora da morte da primeira vai ser a botija de água quente a sinalizar uma ligação muito especial que desconhece fronteiras de espaço e de tempo, e que não se perde facilmente: o amor.

Luís Mendonça